

“BRASILEIROS ‘CONVICTOS’: PERFIL NEORREACIONÁRIO, DINÂMICAS METAPOLÍTICAS E PRERROGATIVAS MORAIS DE CONTERRÂNEOS EM ESPANHA”

Patricia Gouveia (Centro de Estudos do Discurso, Barcelona)
Viviane de Melo Resende (Universidade de Brasília)

APRESENTAÇÃO

Neste texto, examinamos dimensões simbólicas *da/na* comunicação virtual que alimentam dinâmicas de polarização discursiva que se mostram presentes em narrativas de brasileiras e brasileiros que vivem na Espanha. Politicamente posicionadas, usam o circuito virtual como principal porta de entrada para manter suas teias de socialização primária (principalmente), adquirir conhecimento, formar e compartilhar opiniões e participar do debate político nacional, mesmo que de longe. Nos tipos e grupos sociais observados (plenos de *heterogeneidade*), constatamos que as redes digitais promovem uma sociabilidade essencial *ao/no* gerenciamento de suas experiências ‘transnacionais’ e reforçam um modo de interação restrita (endogâmica). Especialmente, a ‘polarização’ política decorrente desse/nesse circuito de trocas manifesta-se em tópicos, artigos e conteúdos distribuídos e discutidos on-line e em disputas culturais e morais subjacentes.

Esses aspectos manifestam-se em peculiar *narratividade reflexiva* que traz à luz uma *dimensão metapolítica* própria ao ecossistema digital no qual emergem representações eivadas de moralidade. Em um conjunto de interlocutores específico (*neorreacionários convictos*), identificamos a busca por reconhecimento social como operador de sentidos e condutor de demandas subjetivas nesse ambiente e contexto assimetricamente polarizados.

Enfim, com este texto, retomamos parte das questões pleiteadas pelo programa investigativo que deu origem à primeira linha de pesquisa de nosso grupo de trabalho “*Coletiva Conexões do Sul*” - CCS – LP1), cujas propostas e reflexões abarcam temáticas diversas e instigantes - “Discursos e representação política”; “ideologias e mobilização social”; “comunicação direta, internet e redes sociais”; “política e a captura das emoções”, “reconhecimento e representação social”; e “redes de sociabilidade e pertencimento” - (Gouveia; Cárdenas; Soler e Resende, 2023). Igual e especificamente, buscamos interpretar narrativas (*reflexivas*) de brasileiros *convictos* para além das simplificações analíticas (sobretudo à época e ainda hoje) sobre seu perfil naturalizado como ‘bolsonarista’, ‘bolsominion’, ‘bolsonarento’, ‘gado’ e ‘negacionista’, dentre outros atributos carregados de generalização, incompreensão e de ‘senso comum’.

1 UMA INTRODUÇÃO: contextos e situações

As crises políticas (multidimensionais) no Brasil concorrem para minar as bases de nosso incipiente regime democrático, potencializadas por nossos marcadores socioculturais e

pelo neoliberalismo autoritário vigente¹. Junta-se aqui a ascensão e hegemonia do modelo e padrão de comunicação atual (pasmem, inicialmente promissor à ideia de ampliação da experiência republicana). Macro contextos que impactam direta e decisivamente dinâmicas locais (modos de vida, visões de mundo, opiniões, avaliações de partidos políticos e parte de ações e comportamentos). Sem dúvida, um impacto demolidor é o fenômeno da *polarização*; um termo emergente e contestado tanto conceitual quanto politicamente no qual *opiniões* (a conversão de sentimentos em palavras e em ideias) tornam-se *doutrinas*, compreendida como o “conjunto de opiniões, não necessariamente verdadeiras, nem mesmo consistentes, mas influentes sim” (Ribeiro, 2022: 25).

Em tempos de digitalização e moralização políticas, polarizar torna-se padrão discursivo na agenda e na comunicação de agentes e instituições políticas de variados espectros. Considerando que ‘direita’ e ‘esquerda’ não pertencem ao mesmo campo de representações e práticas, menos do que um fenômeno político em si, a polarização é recurso retórico crucial, subjetivo e pragmático a serviço de várias ‘causas’ que confinam, em muito, a ideia inicial de expansão da vida democrático-republicana. É nesse panorama que se insere esta discussão, um dos resultados do projeto específico, “*Um Pedaco de Brasil na Espanha ...*”², vinculado ao programa “*Polarización Política en Brasil, Chile y Colombia: Discursos, Acciones y Contextos en Perspectiva Comparada*” (Gouveia; Cárdenas; Soler e Resende, 2023)³.

O trabalho de campo realizado foi inspirador à discussão sobre conjuntura política nacional e dimensões simbólicas *da/na* comunicação virtual que alimentam dinâmicas de polarização discursiva observada entre brasileiras e brasileiros que vivem na Espanha. Seus dados (demográficos e socioculturais) foram construídos a partir de evocações e interpelações situacionais, no tempo (nove meses após a eleição de 2022) e no espaço (emigrantes na Espanha), sobre questões político-sociais pertinentes hoje e à época (o tempo quente da retórica e ação neopopulista no Brasil). Num campo etnográfico temporal e espacialmente singular, tensionado pela polarização político-partidária, o complexo ambiente da política digitalizada mostrou-se permeado e superado por outros domínios, embora filtrado por esse mote estruturante.

Nossos interlocutores mostravam-se politicamente posicionados (à direita e à esquerda) e usavam o circuito virtual como principal porta de entrada para manter suas redes primárias, adquirir conhecimento, formar e compartilhar opiniões e entrar e participar do debate político nacional, mesmo que “*de longe*”. As teias digitais frequentadas reforçam uma sociabilidade essencial *ao/no* gerenciamento de suas experiências migrantes bem como promovem um modo de interação restrita (endogâmica).

A polarização política decorrente *desse/nesse* circuito de trocas cada vez mais fechado, intransparente e controlado foi observada em dois grupos distintos de pessoas emigradas (G1: simpatizantes e/ou eleitores de Jair Bolsonaro e G2: apoiadores de Lula da Silva). O que gerou análises comparativas diferenciadas face sua diversidade intra e

¹ Em níveis globais e locais, o ‘neoliberalismo reacionário’ representa uma fase avançada do modelo neoliberal, em sua radical ruptura com a democracia progressista (Urbán, 2024).

² Para maiores esclarecimentos sobre esse projeto (“*Un Pedazo de Brasil en España:...*”), ver https://es.discoursestudies.org/files/ugd/1c2d30_b89cedd223f34f21bb003d335a2d4573.pdf.

³ Para mais informações sobre esse Programa e seus projetos vinculados, ver https://es.discoursestudies.org/files/ugd/1c2d30_b5218e96e25c4808b2c083fd1a7511bb.pdf.

intergrupos. Seus antagonismos manifestavam-se em tópicos, artigos e conteúdos distribuídos e discutidos on-line e em disputas culturais e morais subjacentes. Aspectos que iluminam a dimensão metapolítica própria ao ecossistema digital, no qual emergem representações eivadas de moralidade. O que revela uma busca menos ou mais explícitas por reconhecimento social como operador de sentidos e condutor de demandas subjetivas, num ambiente e contexto assimetricamente polarizados. Exterioridades determinantes em seus circuitos de interlocução (redes sociais, físicas e virtuais) e centrais em suas experiências como migrantes.

Ao cotejarmos esses cenários mais amplos com o observado empiricamente, reiteramos que o *modus operandi* do sistema de comunicação digital hegemônico amplifica os corriqueiros e disruptivos ataques à ordem político-social democrático-republicana (desdemocratização), em diferentes e articulados níveis (local, regional e global). Algo identificado em declarações, opiniões e avaliações de nossos interlocutores/ras que permitiram relacionar campos temáticos e problematizações analíticas.

Neste escrito, nosso foco recai sobre um subconjunto de apoiadores do ex-presidente, caracterizados como *convictos*⁴. Tal recorte permitiu relacionar mais direta e evidentemente textos e contextos nos quais um familiar anticomunismo (próprio à nossa formação social marcada por uma democracia restrita face à continuidade de velhas e novas elites no poder e aos avanços tímidos em políticas e ações efetivas de inclusão e justiça sociais) foi (e continua sendo) dissimulado e atualizado em forma de ‘antipetismo’ e sob a bandeira de muitos bodes expiatórios⁵. Para tanto, examinamos três aspectos, *a heterogeneidade desse grupo de interlocutores (G1), sua narratividade reflexiva e a dimensão metapolítica do ecossistema virtual que frequentam*, focando em características como: a presumida autenticidade do meio digital, o discurso dissonante e as realidades concorrentes que circulam nas redes, a relação entre lugar e poder de fala e as disputas e visões de mundo subjacentes. Especialmente, relacionamos esses aspectos às noções centrais de ‘moralidade política’ e ‘reconhecimento social’⁶ nestes tempos (bicudos) de frustração social e personalização política.

Nas pessoas com as quais interagimos, o aparato digital mostra-se como meio eficiente para manter redes primárias (no Brasil) e, também, como mecanismo para adquirir conhecimento, formar opiniões e participar de atividades de entretenimento e cívico-políticas. Todavia, seu uso extensivo e intensivo sinaliza modos de interação restrita com quem pensa da mesma forma (‘lá’ ou ‘cá’). O que reduz a possibilidade de

⁴ Considerando a complexidade e a multidimensionalidade do contexto de realização do projeto (econômico, político, partidário, sociocultural e ambiental), este ensaio não objetiva examinar tópicos específicos sobre trajetórias e personalidades políticas e dinâmicas e alianças partidárias, embora relevantes à compreensão desse momento de emergência e consolidação de políticas extremadas e polarizadas. Mas sim, busca compreender dimensões localizadas que incidem sobre diversidade e moralidade política e a singularidade do circuito de troca nas redes digitais.

⁵ Como, a retórica anticorrupção, o suposto marxismo cultural e o moralismo fundamentalista (Solano, 2019; Fiorin, 2019; Safatle, 2021, 2022; Rocha 2021, 2023; Ribeiro, 2022; Brancoli, 2024).

⁶ Por ‘moralidade política’ aludimos a uma ética política relacionada à valorização e a valores subjacentes a princípios, leis, agentes, instituições, ideias e práticas. Junto aos marcadores da agenda progressista (feminismo, direito ao aborto legal, direitos LGBTQI+, antirracismo, diversidade etc.), reconhecemos uma ‘moralidade política’ na demanda por ‘reconhecimento social’ desses e de outros (mesmo que antagonicos). Nessa prerrogativa, Jessé de Souza ao apontar a localização social de indivíduos e grupos para além da posse objetiva de recursos materiais, examina valores simbólicos centrais à composição dessa moralidade, como status, respeito e dignidade (Souza, 2019, 2021, 2024).

trocas menos endogâmicas. Em termos subjetivos e objetivos, algo relativamente paradoxal para aqueles que se lançam “além-mar”.

Definitivamente, a *heterogeneidade* desses novos ideais-tipos, a singularidade de suas *narrativas* e a *dimensão metapolítica* de seu principal recurso de comunicação e interação (redes sociais) reiteram a necessidade de nos debruçarmos detida e sensivelmente sobre seus corações e mentes tão disponíveis e dispostos ao ‘enquadramento neo(fascista)’. Afinal, compreender aspectos menos evidentes nesses ‘neorreacionários’ é uma forma de nos armarmos às acirradas disputas que continuam à solta.

2 DAS NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS: referências, dados e comparações

Não podemos separar aspectos teóricos de metodológicos, sabemos; epistemologicamente, os limites dessa separação (teoria e metodologia) tornam-se claros na própria dinâmica de realização dos projetos e suas pesquisas empíricas. Todavia, esclarecimentos sobre pressupostos permitem dimensionar melhor determinada reflexão. No âmbito da agenda do grupo de trabalho, as pesquisas vinculadas tomam o *discurso* como objeto de estudo central, em perspectiva analítico-crítica. O que gera um banco de dados, compartilhado intra e interinstitucional, sustentado no tripé *multidisciplinaridade, metodologia qualitativa e interseccionalidade* (Gouveia; Cárdenas; Soler e Resende, 2023).

Ao longo do projeto, combinamos estruturas teórico-metodológicas próprias à tradição etnográfica e às análises transdisciplinares sobre o contexto político e social contemporâneo. Após procedimentos devidos, sistematizamos indicadores sociodemográficos e realizamos entrevistas em profundidade, em contacto com 82 *peçoas*, pessoalmente e/ou virtualmente⁷. Os dados construídos foram estruturados à luz de questões pertinentes na literatura de referência e na dinâmica etnográfica. Em seguida, realizamos a compilação, caracterização e comparação dos perfis socioculturais, junto à transcrição e codificação das entrevistas, a identificação de temas e discussões preliminares e os recortes às análises comparadas dos grupos observados⁸.

Considerando o aumento da ‘polarização política’ e sua proeminência na agenda e nos testemunhos ‘locais’, reiteramos que as noções de ‘esquerda’ e ‘direita’ não são significativas em si mesmas, pois carregam vários significados contextuais. Essa divisão clássica e suas implicações estruturantes aparecem em todos os discursos evocados, sinalizando similitudes e diferenças entre os diversos interlocutores - algumas sim e outras não nitidamente demarcadas - (Gouveia, 2023). A distinção central recai sobre a equação igualdade-desigualdade como uma ordenação ‘natural’ do mundo ou como sendo

⁷ Distribuímos 70 *formulários*, recebemos e analisamos 35 *respostas*, e realizamos 12 *entrevistas*. Dos questionários, 32 foram validados, sendo 12 *peçoas* identificadas como apoiadoras do ex-presidente brasileiro (Jair Bolsonaro) e 20 reconhecidas como apoiadoras do atual presidente (Lula da Silva). Das 25 *peçoas* disponíveis às entrevistas, 8 eram apoiadoras do ex-presidente e 17 do atual, sendo que 6 de cada grupo foram efetivamente entrevistadas (Gouveia, 2023).

⁸ Para mais informações sobre os dois grupos, ver Gouveia, 2024a.

socialmente construída. Portanto, sujeita a desafios e mudanças (Chauí, 2008; 2018; Ribeiro, 2022). Em particular, os significados ultrapassam o domínio da ideologização político-partidária, emergindo em narrativas situadas que contam histórias pessoais e indicam diferentes julgamentos e avaliações de pessoas, instituições e coletivos como formas típicas de idealização de si, conectadas pelo elo retórico de ‘ser-de-esquerda’ ou ‘ser-de-direita’ (Gouveia, 2024a).

Em ambos os grupos, foram muitas alusões à experiência de “*viver no estrangeiro*”; em especial, pontuaram os ambientes e vivências cosmopolitas e o acesso a bens e serviços públicos e sociais de qualidade – menos disponíveis em uma sociedade tão estruturalmente desigual como a brasileira. Um diferencial que qualifica positivamente as ‘vidas em diáspora’ porque, na visão ‘local’, amplia contatos e trocas com diversas e distintas formas de vida e outras manifestações políticas, sociais, artísticas e culturais de vanguarda. O acesso não só a bens materiais, mas a diferentes perspectivas de estar no mundo torna-se diacrítico (tanto entre os ‘seus’ quanto entre os ‘outros’) se comparado com a vivência no Brasil. Algo que no contexto migratório concorre para uma valorização positiva, material e/ou simbólica, face às declaradas faltas de reconhecimento social e baixa autoestima e autoconfiança (Souza, 2019; 2021; 2024).

Os diversos interlocutores manifestavam pontos de vista mais (ou menos) provincianos ou polifacetados, confirmado a dimensão contrastiva, implícita ou explícita, nas declarações sobre viver num mundo diverso de seu lugar de origem. Um aspecto evidente em diferentes maneiras de apresentar a *si mesmo* e de caracterizar o *outro* plenas de julgamentos e previsões político-partidárias, referências a padrões de consumo, estilos de vida, rótulos e atitudes. Por trás dos comportamentos, das aparências, da ética e da estética manifestados, subjaziam muitas dimensões - existenciais, humanísticas, filosóficas e morais -. Ambos os grupos expressavam diferentes formas de elaborar e anunciar posições e pontos de vista (visão crítico-analítica ou acrítico-sintética) sobre fatos, eventos e o atual cenário político e social brasileiro⁹. Recursos sociocognitivos que exprimiam apreensões distintas de realidades. Algo subjacente às suas formas de ver, entender e agir no mundo e ao uso intensivo em seus ambientes de circulação e troca - as redes virtuais - (Gouveia, 2024a).

Ao fim e ao cabo, mais do que polarizações cristalizadas e dicotomias absolutas, nesses interlocutores diversos, parte expressiva das conotações atribuídas à dicotomia ‘direita-esquerda’ sinalizam a busca por significados que diferenciem, distingam e recompensem manifesta autopercepção de deslegitimação social.

3 UM PERCURSO ANALÍTICO: três problemas indutivos

⁹ Por exemplo, a literalidade dos significados, em oposição a significados mais plurais; as informações não processadas, seletividade e simplificação sintética, em oposição a análises críticas fundamentadas; a discrepância entre opinião e informações processadas (conhecimento) sobre determinados fatos políticos; a desinformação, dissonância e desaprovação implícita, em oposição à busca de conhecimento legítimo, coerência argumentativa e análise da conjuntura (Gouveia, 2024a).

Nos debruçamos aqui sobre três problemas indutivamente levantados durante a construção e a sistematização de indicadores: a questão da classificação (uma *heterogeneidade endógena*), as maneiras de dizer (suas *narratividades reflexivas*) e a dinâmica do meio digital (intrínseca *dimensão metapolítica*). Cada um deles será apresentado em subseção própria.

3.1 Heterogeneidade endógena: um problema de classificação

A diversidade dos interlocutores, dentro e fora do grupo de identificação principal (espectros políticos), apresenta-se em indicadores demográficos e marcadores socioculturais. Nos perfis do primeiro grupo (G1), de ‘recém-chegados agentes político-apolíticos’ – no sentido de se introduzirem no debate político recentemente, mas afirmando-se com frequência alheios ao ambiente da política – surpreende o resiliente apoio ao ‘bolsonarismo’, mediante fatos recentes (à época) da história política nacional. Algumas caracterizações sobre eles focam na falta de condições materiais e simbólicas, em sua presumida baixa escolaridade e seu fundamentalismo cristão. Em relação à emigração, particularmente, parte do senso comum os define como pessoas “*irregulares*”, “*vulneráveis*”, “*vadios*”, que buscam de serviços sociais e ganhos em moeda estrangeira’, e são mão de obra desqualificada e/ou precarizada. Muitos são vistos e se autopercebem imprecisa e negativamente, alvo de ironias, piadas e zombarias (especialmente após os ataques de 8 de janeiro de 2023 aos poderes da república). O que serve menos para compreendê-los e mais para transmitir e reforçar estereótipos (Rocha, 2021, 2023; Cesarino, 2022, 2024; Souza, 2024).

Nosso microuniverso instabiliza parcialmente tais suposições. Nas características, práticas e representações observadas, apreendemos a aglutinação de ideais e ações relacionadas a demandas existenciais subjetivas e vulnerabilidades materiais e simbólicas. Aspectos conectados ao corpo de ideais próprio à experiência social brasileira que, sabemos, mostra-se herdeira de traços culturais como conservadorismo, autoritarismo, racismo multidimensional, patriarcado, patrimonialismo e meritocracia (Souza, 2019, 2021, 2024; Schwarcz, 2024). Muitos desses sentidos e sentimentos são reforçados por dinâmicas de empobrecimento material e simbólico. Pessoas que classificamos como *neorreacionárias* por mostrarem-se menos presa à perspectiva de conservação da ordem e mais reativas ao ordenamento e pensamento democrático-progressistas vigente. Desde 2013, surgem na cena pública brasileira como ‘novidade’ por tensionar contornos do sistema vigente e sair de posição marginal para o centro do debate e do conflito político (Cesarino, 2022; 2024).

Esses ‘tipos’ manifestam reação paradoxalmente antipopular, direta, obstinada e antagônica às agendas e administrações do PT. Pessoas oriundas de grupos populares e camadas médias, portadoras de uma retórica disruptiva em oposição direta aos governos de ‘esquerda’ e à ordem centro-democrática (modelos nos quais não se viam contempladas), posicionando-se explicitamente contra tudo e todos que não reconhecem nem legitimam (Souza, 2024, p. 71). Em nosso universo empírico, foram subdivididos em aqueles efetivamente *convictos* - bastante vulneráveis ao conteúdo que circula nas redes sociais e com forte sentimento antipartidário autodeclarado - e outros mais

comedidos que não absorvem totalmente o conteúdo da *midiosfera digital*¹⁰, nada radicalizados em termos político-partidários. Embora frequentassem mídias extremistas, estes últimos demonstraram ponderação e empatia em suas falas e comportamentos e forte religiosidade. Inclusive, indicaram afinidade com determinadas pautas e com alguns progressistas, especialmente as figuras políticas de Lula da Silva e Pedro Sanchez.

Por fim, focaremos nos *convictos* examinando suas adesões a valores/moralidades que informam parte das formas como veem, entendem e agem no mundo. Paradoxalmente, defendem posições que os coloca contra muitos (dentro e fora de seus circuitos de troca); mas, sobretudo, que adversa a eles próprios ao defenderem (cegamente) uma ordem social que, cedo ou tarde, se volta contra eles¹¹.

3.2 Narratividades reflexivas: um modo de falar

“Quem conta um conto, aumenta um ponto” porque narrar não é repetir uma história; mas, revisitar e editar memórias sempre mediadas pelo presente. Não são simplesmente fatos nem ficções, mas sim modos prosaicos (e/ou poéticos) de recontar histórias da vida cotidiana (reais ou anedóticas) que emergem em contextos comunicativos próprios e que (re)orientam significados do que está sendo dito (Gouveia, 2024a).

De forma nada passiva, a maneira e o poder de narrar modulam o repertório existencial e político daqueles cujos discursos colocam-se em disputa, elucidando a dimensão de agência contida no modo e no uso da linguagem. Seja em sua forma oral (fala) ou escrita (texto), é ação voluntária que envolve pessoas e seus papéis sociais; é prática comunicativa, portanto, é ‘discurso’. O que ratifica a propriedade essencial (elementar) da linguagem (base à organização de redes simbólicas) para conceber e constituir o mundo e nele interagir para mantê-lo ou transformá-lo (Van Dijk, 2023a; Maciel, 2018; Tiburi, 2020a; 2020b).

As narrativas observadas remetiam-se de forma recorrente à condição e ao status de emigrado. Uma fala característica que dominava o contexto comunicativo caracterizada como *narratividade reflexiva*. Atributo que evidencia as dimensões intersubjetivas e performativas das relações sociais e práticas discursivas. O que se volta para si e para um ‘outro’ e que implica interfaces discursivamente organizadas¹² através de longas narrativas ambivalentes, especialmente, sobre dificuldades, medos e percalços, histórias de superação e dilemas de integração em suas experiências migratórias. Exprimiam forte vontade de contar e falar sobre si e demonstravam relativos

¹⁰ J.C. Rocha define ‘midiosfera digital’ como “um sistema de informação dotado de intensidade interna, imune a verificações e críticas externas, baseado em elementos e estratégias de horizontalização e verticalização, de ampla acessibilidade, mas de produção restrita de conteúdo. Um ambiente composto por correntes de WhatsApp; circuito integrado de canais do YouTube; redes sociais; aplicativos, como a TV Bolsonaro; e mídias amigáveis, como a Jovem Pan” (2023: 33-34).

¹¹ Pensamos em examinar a conexão entre suas insatisfações, inseguranças e heranças de classe. Todavia, em outro texto, discutiremos melhor esses processos de conversão e reconversão de classe e as interseções entre representações morais e marcadores sociais (gênero, região, religiosidade, afetividade e sexualidade etc.).

¹² Van Dijk (2012; 2017; 2021; 2023a; 2023b) demarca o problema da identidade como essencial numa narrativa (discurso) sobre ‘si’ e sobre o ‘outro’. Uma forma de atrair e mobilizar a atenção de interlocutores, organizada em tempo real, no contexto discursivo, no qual os indexadores tempo, espaço, lugar, motivos e participantes são cruciais ao contexto comunicativo em fluxo. Isso interfere com quem ‘eu’ me identifico e me relaciono e como ‘eu’ reconheço e trato o ‘outro’ - experiencial e/ou discursivamente. ‘Ele’, o diferente, especialmente nos dias de hoje, é visto como uma dissimilaridade valorizada negativamente.

distanciamento e baixa capacidade de compreender criticamente certos problemas que enfrentavam. Igualmente, aludiam à perda e declínio em suas condições de vida hoje, reconhecendo uma situação comum ‘aqui’ e ‘lá’ no Brasil (se comparada a tempos atrás).

Razões identitárias e expectativas morais transpareciam no ritmo frenético de suas mensagens e postagens, na ambiguidade e digressão de seus testemunhos, na forma incisiva com que argumentavam, ou mesmo oscilavam entre o que poderia ou não ser dito¹³, e na constante sobreposição sobre a fala do entrevistador. Um fluxo narrativo notado em muitas das histórias pessoais contadas (notadamente, as ‘odisseias da migração’), nas referências a questões e discussões em redes digitais (além da política) e na preeminência de dimensões afetivo-morais nas avaliações e posicionamentos. Dentre outras, sinalizando demandas subjacentes por vocalização, distinção e discriminação subjetiva positiva (Gouveia, 2024a).

Dimensões reveladoras, também, de aspectos sociocognitivos que balizam seus discursos: modelos mentais, repertório de conhecimento, seletividade crítica, julgamentos políticos e grau de adesão pessoal ao material e ao conteúdo que circula virtualmente. Aqui, observamos o uso recorrente de argumentos-sínteses polêmicos, próprios às redes digitais que frequentavam (e replicavam). No limite, uma busca por distinção e um contraponto à autopercepção de desvalia, devido às afinidades político-ideológicas, às razões e condições como (e)migrante e à vida anterior, marcada por vulnerabilidade material e existencial. Sentidos e sentimentos como frustração, raiva, ressentimento e desaprovação recaiam sobre os governos e as agendas inclusivas que, na perspectiva deles, desconsideravam seus desejos e necessidades. Uma demanda subjacente por ‘reconhecimento’ parecia compensar afetos difusos de indignação e descrédito, considerando as evocadas experiências de sofrimento e precariedade reais e as afinidades e escolhas políticas que antes não ‘deviam’ ser declaradas.

De forma menos ou mais consciente, demonstravam necessidade de distinção daqueles com os quais antagonizavam, usando linguagem desagradável, desrespeitosa ou politicamente incorreta, dirigida a ‘inimigos imaginados’. Um discurso hiperbólico e caricatural guiado por muitos fios originados nos nichos virtuais que compartilhavam. Muitas vezes já sabíamos o enredo do que contavam: desde a “*picanha de cachorro*” (herdada da falácia sobre imigrantes que supostamente comiam os animais de estimação de famílias estadunidenses) aos “*Yanomami venezuelanos famintos que fugiram da ditadura comunista de Maduro*”. Falas desestabilizadoras e truculentas que reproduziam o padrão discursivo promovido nas redes digitais. Uma narrativa igualmente performativa, mas de outra ordem, que buscava adesão e consenso tentando convencer o entrevistador e a si mesmo (Gouveia, 2024a). As diferentes propriedades retóricas observadas sinalizam diferentes estratégias discursivas e/ou pragmáticas, mas também distintas subjetividades permeadas por comandos que se cruzam, afetivo-moral, político, sociocultural e cognitivo (Van Dijk, 2021, 2023a, 2023b, 2025; Tiburi, 2024a, 2024b).

Interlocuções que lançam luz sobre o campo das disposições afetivas, exemplares nessas narrativas morais (nas interpelações políticas, nas confissões sobre histórias

¹³ Decidimos aqui não apresentar excertos dessas narrativas em razão do pedido de todos os ‘convictos’ de não serem “citados literalmente”.

pessoais difíceis (e mesmo ultrajantes) e em avaliações sociopolíticas acaloradas (Gouveia, 2024a). Um conjunto irreduzível de emoções põe em movimento afetividades e sociabilidades que marcam o ritmo e o tom no mundo das plataformas. Embora diferentes, em ambos os espectros políticos observados (menos ou mais à direita ou esquerda), as evocações expressam o elementar afeto do *medo* explícita ou implicitamente atado a questões morais¹⁴. Um discurso revelador sobre as identidades em disputa e as moralidades políticas subjacentes a falas fortemente relacionadas a esse sentimento. Um medo difuso que favorece a manifestação de características igualmente destrutivas, como interação social restrita, solidão, isolamento em bolhas reais e virtuais, fechamento à diversidade, pseudoproteção de redes digitais e radicalização.

Nos *convictos* apresentados, alinham-se muitos afetos tristes e afetividades mórbidas como pânico, ameaças, insegurança, desconfiança, ressentimento, raiva/ódio. Em suas narrativas, afetos e desafetos promovem manifestações de *retrotopia* que exaltam o passado, o tradicionalismo, o convencionalismo e o reacionarismo potenciais face às mudanças socioculturais. O que revigora um autoritarismo atávico, ligado à legitimação da ordem política e social repressiva, e que conforma uma retórica do ‘inimigo interno’, do bem contra o mal, da ordem vs. desordem que se mostram subjacentes às manifestações de anticomunismo, ‘antipetismo’ e ‘antiesquerdismo’.

3.3 Dimensão metapolítica: uma dinâmica do meio

Há muitos níveis e dimensões evidenciando o significativo englobamento do campo virtual sobre a realidade material; um deles é a dinâmica da *metapolítica*. Uma engrenagem de muitos meios e modos que imprime mudanças de significados, afeta experiências pessoais e coletivas e embaralha esferas públicas e privadas (antes delineadas com mais precisão). Imediata e instrumentalmente associado ao debate político atual, muito do que circula e ‘lacrado’ nas redes digitais vai além da literalidade da discussão político-partidária; grande parte, incide sobre disputas culturais que, quando aparelhadas, tornam-se meio à aquisição e manutenção de poderes. Circuito no qual transitam deslocamentos temáticos, morais e ideológicos diversos, os diferentes modelos de sociedade e agendas sociais, típicos desse *modus operandi*, colocam em circulação descontrolada descrições, prescrições e transposições comunicacionais diversas (Sodré, 2023). O que implode limites espaciais (atopia) e temporais (acronia) – em qualquer lugar e em um único momento (rápido e simultâneo) – e invade nossa experiência cotidiana (comum, fugaz ou extraordinária) – da mais pessoal e íntima à mais coletiva e compartilhada – lançando-a em arena pública numa ‘dinâmica de privatização’ que ocorre, principalmente, em três frentes que articulam e transformam quantitativa e qualitativamente o campo da comunicação (Tiburi, 2020b, 2024a; Cesarino, 2022; Rocha, 2023; Souza, 2024).

¹⁴ Como sabemos, esse medo estrutural tem sido instrumentalizado por políticos, poderes e forças neopopulistas que apostam no ‘discurso do ódio’ como forma de naturalizar e normalizar uma variedade de violências físicas e simbólicas em voga: intolerância, repressão, criminalização, discriminação etc. (Solano, 2019; Wodak, 2020; Rocha, 2021, 2023; Cesarino, 2024; Tiburi, 2024a; 2024b; Van Dijk, 2025).

Relacionando mais detidamente essa *dimensão metapolítica* com *alienação*, primeiro, estudiosos referem-se a uma ‘privatização qualitativa’ que afeta tanto o plano da subjetividade (da vontade de ter voz e necessidade de interação à manipulação dos desejos) quanto o nível do que é comum, regular, costumeiro e habitual. Em segundo, aludem a uma ‘privatização objetiva’ pelo uso discricionário e pelo comércio de dados pessoais de usuários da internet, em sua lógica logarítmica. Finalmente, mencionam uma ‘privatização dissimulada’ face à profanação e mercantilização da vida, da intimidade e da inviolabilidade ao criar consensos e consentimentos inconscientes que, frequentemente, voltam-se contra quem cega e espontaneamente entrega seus dados (Souza, 2024).

Como um *fato social total*¹⁵, esse fenômeno de calibre abrangente atravessa e penetra várias esferas da vida em sociedade. Mesmo tendo grande materialidade, ocorre para além de domínios objetivos, articulando macroprocessos de digitalização e experiências subjetiva e coletiva. Essa *dimensão* cria e potencializa processos que se retroalimentam e se infiltram da/na dinâmica comunicacional, promovendo mudanças sistêmicas na comunicação e consolidando novos padrões de interação e sociabilidade. O que impacta diretamente sistemas de crenças e valores, opiniões e formas de conhecimento, padrões de comportamento, modos de vida privada, manifestações de afeto e desafeto, sociabilidades primária e secundária e toda a circulação pública (Gouveia, 2024a).

Outro indício da *dimensão metapolítica* é a ‘indocilidade instável’ inerente ao complexo de comunicação virtual, seus exageros retóricos e desrespeitos às regras de civilidade *daí* e *aí* decorrentes (Wodak, 2020; Van Dijk, 2025). O sistema de plataforma consagra-se cada vez mais como domínio irreduzível, instável e disruptivo, tendencioso e instrumentalizado por diversas forças políticas e sociais. Essa característica indomável sinaliza questões relacionadas à autenticidade atribuída ao meio digital (legitimidade), aos discursos dissonantes vinculados e às realidades concorrentes que circulam virtualmente. Dentre muitas, sublinhamos a particular relação entre lugar e poder de fala e parte das contendas e visões de mundo em disputa (Gouveia, 2024a).

Ao final, essa narrativa singular dos *convictos* sinaliza uma demanda por ‘reconhecimento social’ fortemente relacionada a questões morais, como veremos a seguir.

4 UM CAMPO MORAL: demanda por reconhecimento

O ambiente digital mostrou-se como fundamental à busca por notícias, informações, conhecimento e à agência política. Todos interlocutores sublinharam a funcionalidade do sistema para lidar com o fato de viverem “*longe de casa*” bem como o desejo, consciente

¹⁵ Fazendo alusão à clássica reflexão de M. Mauss, na qual certos fenômenos sociais (fatos) assumem dimensões totais por englobarem vários aspectos da vida social. É indiscutível a capacidade das mídias digitais de acarretar mudanças na vida sociocultural e política atual, contribuindo para a sobreposição das esferas pública e privada. Afinal, o mundo das plataformas é um ‘território’ no qual os marcadores sociais e discursivos cruzam muitos domínios e muitas declarações (descrições e avaliações) (Gouveia, 2024a).

ou não, de integração e participação objetivas e subjetivas (valores e ideais e estratégias de inserção e atuação sociais). Junto a aspectos mais pragmáticos, identificamos dimensões menos tangíveis (simbólicas), como a necessidade de falar muito sobre a experiência migratória e de acessar formas de interação social. O que qualifica o reconhecimento e legitimação declarados desse ambiente.

As redes digitais promovem, particularmente, o uso de uma estratégia discursiva que reinventa a política (de dentro para fora), por meio do uso abusivo de linguagens e imagens de grande apelo nas audiências segmentadas. Essa retórica impulsiona a busca por sucessos pessoais e/ou eleitorais e lucros operacionais e materiais resultantes dessa ‘engenharia de demolição’. Uma estratégia comunicativa baseada em disputas (morais) e contrapontos à agenda progressista (igualdade de gênero, direito ao aborto legal, casamento civil igualitário, tolerância e liberdade religiosa e Estado laico, pautas feministas, antirracistas e políticas públicas inclusivas).

Dentro dessa lógica, os *convictos*, à época, defendiam quase cegamente a neutralidade e confiabilidade da internet. Muitos repetiam literalmente argumentos trocados nas redes digitais e afirmavam ser meio (quase único) de produzir e “*promover a verdade*”, manifestando descrença em instituições centrais do sistema democrático (governo/Estado, mídia profissional e comunidade científica). Com críticas contundentes aos canais tradicionais de conhecimento e informação (televisão, jornais, instituições educacionais ou livros), demonstravam também forte ceticismo acerca daqueles fora de suas ‘cercadas’ redes de informação e confirmação, manifestando retórica antagônica e negacionista que reproduziam argumentos centrais dos/nos círculos e circuitos extremistas. De forma contundente, deslegitimavam/depreciavam matérias que expunham polêmicas e denunciavam Bolsonaro e seu grupo político¹⁶. O ressurgimento e o recrudescimento desses discursos e práticas extremistas das/nas redes – e, sobretudo, a aderência de seus materiais e conteúdos – sinalizam uma necessidade de pronunciamento por aqueles e aquelas que, nos últimos anos, se sentiram afetados e se mostraram insatisfeitos com as prerrogativas defendidas por uma agenda progressista básica. Aqui e assim, as forças convergentes na comunicação virtual recriam e promovem uma dinâmica sinuosa entre ‘lugar’ e ‘poder’ de fala. O enquadramento dos temas e questões manifestos é caricatural, mas são reais os motivos que conduzem à deglutição das mensagens da/na *midiosfera digital*. Embora paradoxal, ela torna-se canal ao exercício de liberdade, empoderamento e protagonismo cívico capaz de reverter posições previamente estabelecidas – considerando-se que a política, até recentemente, não era um campo de atuação desses *neorreacionários* (‘convictos’ e/ou ‘comedidos’) –. Talvez, o envolvimento e a ação deles na referida *midiosfera* permitem escapar de certo controle do contexto – quem pode falar/escrever, onde, quando e com que finalidade – (Van Dijk, 2023a) e expandir o controle sobre o texto/discurso. E assim, quiçá, experimentem relativo empoderamento discursivo (ter autoridade e sentir-se autoridade). E, mais ainda, possam ocupar a cena pública ‘sem censura’, considerando a dinâmica e a retórica típicas nas/das redes (Tiburi, 2020a; Cesarino, 2022, 2024; Rocha, 2023).

¹⁶ Nessa lógica, “a notícia que obtiver mais compartilhamentos no WhatsApp e curtidas no Facebook será verdadeira, permitindo que as questões centrais do debate público sejam resolvidas por aqueles que têm mais dinheiro para disseminar seu discurso” (Souza, 2024, p. 49).

Essa adesão ao meio e às mensagens transmitidas é complexa e contraditória já que muitos se manifestam de forma exaltada, violenta e opressora. Acerca disso, argumenta J. Souza (2024), a maioria dessas pessoas porta signos discriminatórios (oprimida, empobrecida, negra e mestiça embranquecida, branca pobre, precária etc.) e, também, busca ganhar visibilidade pública nesses circuitos de troca (mesmo que alvo de críticas, piadas e vergonha alheia)¹⁷. A forte identificação com mensagens e conteúdos antiestruturais pode expressar demanda e adesão a planos de realidade menos adversa e insuportável mediante a própria experiência cotidiana.

Embora permeados por dissonâncias e distorções do real, a realidade narrada pelos *convictos*, sobre o contexto político brasileiro à época, não dispunha de base factual (nesse padrão retórico não precisava ter). Mais afinados com elocubrações que circulavam imediata e volumosamente em suas redes (físicas e, sobretudo, digitais), afetiva (pré-reflexiva) e/ou discursivamente, o mundo virtual parecia ganhar precedência sobre o real. Logo, contradições multidimensionais sustentam movimentos ambíguos de alienação e de agenciamento político relativos de sujeitos e coletivos que desde a última década vão ganhando face e voz ao ocupar, ainda que com sinais invertidos, as ruas e as redes sociais, físicas e/ou virtuais. Em grande parte, de orientação sociopolítica conservadora, seus corações e mentes são captados, cooptados e radicalizados *na/pela* dinâmica das redes virtuais. Portanto, um contraditório processo de alienação e capacitação política, fortemente relacionado ao sistema de comunicação digital.

Relacionando diretamente esse *processo dissociativo* à imersão na *midiosfera digital*, cabe comentar sobre dinâmicas de alienação e evasão da realidade factual. Em geral, demonstram não dominar uma realidade repleta de conflitos, contradições e contrastes que dificultam sua compreensão (Rocha, 2023; Souza, 2024). Estudos transdisciplinares apontam o papel das tecnologias digitais na convergência e na aceleração do processo de identificação e subjetivação antinormativa. Dinâmica que coloca aqueles mais vulneráveis a agirem contra seus próprios interesses, transformados em massas, alimentados por estímulos afetivos. Vítimas da economia da atenção, tornam-se presas à manipulação política (Wodak, 2015, 2020; Sousa, 2019, 2024; Tiburi, 2020; Cesarino, 2022; Rocha, 2023). Análises abrangentes buscam identificar e interpretar significados subjacentes à motivação e às ações de sujeitos e grupos sociais no bojo dessa relação política. Esse processo de *dissonância cognitiva* coletiva está relacionado à conformação de ‘realidades paralelas’, nas quais o que se diz não tem estatuto literal. Assim, muitas vezes a realidade perde sentido fáctico, restringindo-se ao significado que atribuímos a fenômenos, eventos, agentes, instituições etc. (não necessariamente de forma coerente).

De certa forma, esses *convictos* manifestaram relativo poder de agência, levando-nos a ponderar que, em parte, suas explicações incongruentes possibilitariam lidar com incertezas próprias à condição contemporânea e à sua experiência pessoal. Talvez, um modo de dar ordem e significado a um mundo apreendido aprioristicamente por meio da emoção (medos, frustrações, ressentimentos, ameaças, inseguranças). Uma busca no

¹⁷ Souza (2024) demarca que os grupos populares brasileiros – especialmente os *pobres de direita*, principal base de apoio de Bolsonaro, são materialmente carentes e moralmente humilhados e inibidos em sua autoestima, marcados por sofrimento e ressentimento atávicos –.

plano metafísico de significados não encontrados no nível factual. Como sabemos, esse novo ‘encantamento do mundo’ - pleno de distopias e incongruências, promovido e provocado no/pelo ambiente virtual - conduz a crenças e engajamentos em ‘realidades paralelas’. Como bem demarca Castro Rocha (2021; 2023), embora contraintuitiva e imaterial, quando assume dimensões coletivas, esta realidade vai além de devaneios individuais e ganha objetividade própria, tornando-se pública. E mais, complementa Letícia Cesarino (2022; 2024), versões estapafúrdias sobre política, sociedade, conhecimento, religião etc., que circulam exponencialmente na esfera virtual, têm um grão envenenado de verdade já que ressoam significativamente no senso comum e nas ‘afinidades eletivas’ (atração recíproca) de sujeitos e coletivos específicos.

O ambiente digital promove também mudanças temáticas que atualizam e colocam em combate práticas e visões de mundo social e politicamente referenciadas (de prerrogativas autoritárias a perspectivas republicanas). Frequentes nesses fluxos espaciais, temporais e de agência, muitos interlocutores manifestaram vontade de atenção, interação, informação e apoio ao recorrerem ao sistema de comunicação digital. Algumas pessoas, reaproximadas de/por suas ‘afinidades eletivas’, desfilaram ideais e práticas conservadoras (inclusive, autoritárias e antirrepublicanas) manifestas em adesão, legitimação e defesa de políticos e políticas autocráticas, neopopulistas, iliberais, antifeminista e ‘cordialmente’ racistas (Souza, 2019, 24; Schwarcz, 2024).

A credibilidade e a suposta veracidade do material publicado, a disseminação de discursos e realidades dissonantes, a ambiguidade entre lugar e poder de fala, as disputas e visões de mundo que circulam nas redes digitais representam investidas morais ao progressismo democrático¹⁸ manifestas em ataques às agendas de memória e reparação históricas, de inclusão cultural, de antirracismo, feminismo e de justiça e direitos sociais (Cohn, 2023; Urbán, 2024). Todavia, sabemos, ninguém nasce ‘reacionário’ ou ‘progressista’, mas se torna por meio do aprendizado coletivo e das experiências pessoais sempre situadas no tempo e no espaço.

Em conclusão, mesmo que pareça ingênuo, precisamos acreditar na possibilidade de ‘desaprender’ o reacionário e ‘aprender’ o democrático. Além da política propriamente dita, será na esfera da comunicação pública - sobretudo regulando plataformas e ocupando e vencendo o campo da ‘guerra cultural’ - que o pensamento emancipatório e antiautoritário pode e deve se reinventar. Em tempo cada vez mais preocupantes, seja bem-vindo!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na execução do projeto “*Un Pedazo de Brasil en España ...*” e na discussão apresentada, recortamos dois macros contextos cruciais para compreendemos conjunturas e perfis de

¹⁸ Como aponta J. Souza (2019, 2024), questões morais estão relacionadas à forma como sujeitos e grupos são socialmente apreendidos e avaliados, seja uma auto apreciação ou uma avaliação coletiva. A demanda por ‘reconhecimento social’ legitima hierarquias sociais e exerce poder material e simbólico sobre sujeitos, grupos e instituições.

brasileiros *convictos* que se mostraram atravessados por suas experiências migratórias (o atual cenário político-econômico e sociocultural do/no Brasil e o ambiente de comunicação pública digital). Por um lado, sublinhamos a organicidade entre neoliberalismo e neopopulismo e a dimensão atávica de nosso autoritarismo; sempre a postos e resultado de processos históricos e socioculturais concretos. Proximidade que oculta mecanismos de dominação e manipulação material e simbólica dirigidos à produção de consenso e à exploração de “corações e mentes”. Caldo cultural que favorece desconhecimento e normalização de crises multidimensionais, patrocina tensão e radicalização político-social e cultiva fundamentalismos morais e religiosos. Por outro, reiteramos a força disruptiva desse ambiente acrônico e atópico que encurta tempos e distâncias (*tudo em todos os lugares*), mas amplia a perda de vínculos sociais comuns (para além de trocas ‘clânicas’ e endogâmicas) e aumenta o fosso entre pessoas e comunidades inevitavelmente diversas. Um poder transformador fruto das muitas mudanças e inversões causadas pela digitalização da vida sociocultural e política hoje.

Sem pânico futuristas, nos perguntamos, até onde isso vai? Buscando respostas em nossos interlocutores, encontramos uma disposição avaliativa volumosa e vigorosa manifesta em julgamentos valorativos sobre pessoas, governos, programas partidários e políticas sociais, subjacentes às clivagens ideológicas. Muitos deles procuram salvaguardarem-se de impasses, conflitos e contradições (próprios à democracia) de difícil compreensão (sobretudo para quem não acessou instâncias e instrumentos de formação e conscientização políticas). Com orgulho e distinção, vangloriam-se do crescimento da direita política e se identificam com agendas e prerrogativas extremistas. Autoritarismo e conservadorismo à parte, é a forma encontrada para exteriorizar afronta e desaprovação aos governos e agendas progressistas encarnadas em seu antagonista político, o Partido dos Trabalhadores; que, segundo eles, rebaixou suas condições materiais, negligenciou suas necessidades e visões de mundo e abafou suas vozes. Nessa toada, culpam o PT, seus políticos e simpatizantes pelo que acreditam ser os males do Brasil: corrupção política e mau uso da administração pública, insegurança pública e criminalidade, desordem moral e falência de valores. O que demanda ‘justiceiros’ (dos ‘Moros’ aos ‘Mendonças’).

De longe, entre distanciamento e aproximação da “*terrinha*”, mostram-se orgulhosos por viver na Espanha. Males e mazelas à parte, emigrar é fonte de capital material e simbólico e de distinções subjetivas. Afinal, “*no exterior*” têm acesso a bens e serviços públicos e sociais antes inacessíveis - ou menos disponíveis no Brasil. Estar na Europa promove muitos contatos e intercâmbios com pessoas, instituições e modos de vida diferentes, política, social e culturalmente. Contudo, conviver em ambiente “*mais cosmopolita*” não resulta em adesão a códigos mais democráticos nem que estejam afeitos à diversidade que salta aos olhos. Isso não transforma determinadas práticas e valores arraigados. Muitos mostram-se enraizados e apegados aos modos de vida no Brasil e suas narrativas sugerem pouca abertura e escuta às questões políticas e sociais efetivas.

Embora ansiosas/os por falar, demonstram baixa capacidade dialógica recorrendo a respostas rápidas, baseadas em argumentos de suas redes físicas e virtuais que confirmam e reforçam seu sistema de crenças e simplificam soluções para crises e contradições do mundo atual. Sem relativizar, repetem principalmente avaliações política

e moralmente negativas sobre a esquerda em geral e o PT em especial (alvo preferido de suas críticas), apreciações de ampla circulação em suas redes sociais, demonstrando baixa aptidão à argumentação crítica; especialmente, em relação à prática e à retórica neopopulistas com a qual se identificam. O que evidencia a extensão e o poder do capitalismo informacional (cognitivo, epistêmico, imaterial) de subverter aquela outrora esfera aberta e autônoma de comunicação.

Pelo exposto, então, como enfrentar agravos e desafios político-sociais face à investida neoliberal autoritária e ao capitalismo de plataforma? Dificuldades e limites à parte, o conhecimento é um caminho. Compreender e qualificar representações e posições de pessoas e agendas em contenda é uma forma (dentre outras) de interpretar nossas (e outras) espacialidades, temporalidades, institucionalidades e subjetividades presentes. Sobretudo, é uma maneira de encarar a gravidade do problema político e social que enfrentamos hoje, ‘lá’ e ‘cá’.

Em suma, com este texto, esperamos contribuir para decodificar parte da tensão que recai sobre instituições e regras do jogo democrático no Brasil de agora, principalmente, bem como compreender sua singularidade no contexto migratório observado. Junto à necessária e urgente política regulatória das redes sociais, é preciso pensar políticas públicas eficazes para superar uma polarização disruptiva, alimentada por interesses políticos espúrios, moralidades políticas e agônicas lutas por reconhecimento social. Afinal, como um letramento a ser orientado politicamente, esse ‘reconhecimento’ exige escuta e respeito pela diversidade social e cultural de pessoas, grupos e coletivos próprios à vida democrática contemporânea. Uma regra de ouro à construção de agendas e políticas públicas que confrontem propositivamente retóricas e práticas socialmente disruptivas e danosas.

Referências bibliográficas

- BRANCOLI, Fernando. *Bolsonarismo: The Global Origins and Future of Brazil's Far Right*. Oxford; Londres: Rutgers University Press, 2024.
- CESARINO, Leticia. *O Mundo do Averso: Verdade e Política na Era Digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- CESARINO, Leticia. *As Plataformas Digitais Estão na Ponta de Lança do Projeto da Extrema-direita: a privatização de tudo*. Entrevista especial com Leticia Cesarino. [S. l.: s. n.], 2024.
- CHAUÍ, Marilena. Crítica y Emancipación. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, Buenos Aires, CLACSO, año 1, n. 1, jun. 2008. Tema: Cultura y Política en América Latina.
- CHAUÍ, Marilena. *Considerações Sobre a Democracia e Alguns dos Obstáculos à Sua Concretização*. 2018. Disponível em: http://www.polis.org.br/seminario/para_coloquio_polis.htm. Acesso em: 10 jul. 2026.
- COHN, Gabriel. *A Difícil República*. Rio de Janeiro: Azougue, 2023.
- FIORIN, J. Operações Enunciativas do Discurso da Extrema-Direita. *Discurso & Sociedad*, v. 13, n. 3, p. 370-382, 2019.

GOUVEIA, Patrícia. *'Un pedazo de Brasil en España': domínio temático-empírico, interações e dados*. 2023. Disponível em: https://es.discoursestudies.org/files/ugd/1c2d30_b89cedd223f34f21bb003d335a2d4573.pdf. Acesso em: 11 jul. 2026.

GOUVEIA, Patrícia. *"Narratividades reflexivas de brasileiros emigrados de perfil (neo)conservador: sujeitos, contextos e perspectivas sociopolíticas"*. 2024a. Disponível em: https://es.discoursestudies.org/files/ugd/1c2d30_93ae50152f644bae87e1761d18230d3e.pdf. Acesso em: 11 jul. 2026.

GOUVEIA, Patrícia. *"Brasil, mostra a tua cara": 2013 - 2023; um contexto sociopolítico em 'marcha'"*. 2024b. Disponível em: https://es.discoursestudies.org/files/ugd/1c2d30_4a309fb12c354b7d80067bae40f3fed2.pdf. Acesso em: 11 jul. 2026.

GOUVEIA, P.; CÁRDENAS, C.; SOLER, S.; RESENDE, V. *"Polarización política en Brasil, Chile y Colombia: discursos, acciones y contextos"*. 2023. Disponível em: https://es.discoursestudies.org/files/ugd/1c2d30_b5218e96e25c4808b2c083fd1a7511bb.pdf. Acesso em: 11 jul. 2026.

RESENDE, V. M.; FIUZA, J. (eds.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. Campinas: Pontes, 2017.

RIBEIRO, Renato Janine. *Maquiavel, a democracia e o Brasil*. Edições SESC SP, São Paulo, 2022.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio: Crônicas de um Brasil Pós-Político*. Goiânia: Editora Caminhos, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: Da Guerra Cultural ao Terrorismo Doméstico; Retórica do Ódio e Dissonância Cognitiva Coletiva*. São Paulo: Autêntica Editora, 2023.

SAFATLE, Vladimir. *A Economia é a Continuação da Psicologia por outros Meios: Sofrimento Psíquico e Neoliberalismo Como Economia Moral*. São Paulo: Autêntica, 2021.

SAFATLE, Vladimir. *¿Nace el Fascismo de las Contradicciones del Progreso? Grupo Cult*, UOL, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Autoritarismo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Imagens da Branquitude: A Presença da Ausência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SODRÉ, Muniz. *O Fascismo da Cor: Uma Radiografia do Racismo Nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

SOLANO, Esther. *El Odio como Política: La Reinención de la Derecha en Brasil*. Pamplona-Iruñea: Katakarak, 2019.

SOUZA, Jessé. *O Brasil Dos Humilhados: Uma Denúncia da Ideologia Elitista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SOUZA, Jessé. *Como o Racismo Criou o Brasil*. Santa Maria; São Caetano do Sul: Estação Brasil, 2021.

SOUZA, Jessé. *O Pobre de Direita: A Vingança dos Bastardos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

- TIBURI, Marcia. *Como Derrotar o Turbotecnomachonazifascismo, Ou Seja Lá o Nome que se Queira dar ao Mal que Devemos Superar*. São Paulo: Record, 2020a.
- TIBURI, Marcia. Desinformação: Sintoma Do Populismo Linguístico Em Nossa Época. *Revista Cult*, UOL, 2020b. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/desinformacao-populismo-linguistico-em-nossa-epoca/>. Acesso em: 10 jul. 2026.
- TIBURI, Marcia. *Mundo em Disputa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024a.
- TIBURI, Marcia. *Existe Muito Sofrimento Oferecido Pelo Capitalismo, Temos Que Nos Contentar Com Isso?* [S. l.: s. n.], 2024b. 1 vídeo (99 min). Publicado pelo canal [Nome do Canal]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C_Dflybvhsj. Acesso em: 10 jul. 2026.
- URBÁN, Miguel. *Trumpismo: neoliberais y autoritários*. Barcelona: Manifest Llibres, 2024.
- VAN DIJK, Teun A. How Globo Media Manipulated the Impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff. *Discurso e Comunicação*, v. 11, n. 2, p. 199-229, 2017.
- VAN DIJK, Teun A. *Discurso Antirracista No Brasil: Da Abolição às Ações Afirmativas*. São Paulo: Contexto, 2021.
- VAN DIJK, Teun A. *Social Movement Discourse: An Introduction*. Londres: Routledge, 2023a.
- VAN DIJK, Teun A. *The Reactionary Right Is Losing the Culture War*. Mimeo, 2023b.
- VAN DIJK, Teun A. *Discourse and Ideologies of the Radical Right*. Cambridge Elements: Estudos críticos do discurso. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.
- WODAK, Ruth. *The Politics of Fear: The Shameless Normalization of Far-Right Discourse*. 2. ed. Londres: Sage, 2020.